

SAAVEDRA, Carola. Com armas sonolentas.

00 – 25:04

Entrevistadora: Mariana Mendes

Entrevistada: Carola Saavedra

Contexto: Carola Saavedra, duas vezes finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e Jabuti, ficou se preparando durante 10 anos antes de se sentir pronta para escrever. Quando finalmente se permitiu, após muito estudo de ensaios, textos, livros, publicou logo 3 romances seguidos pela Companhia das Letras. Ela diz que trabalhar com literatura é trabalhar com incerteza, com o mistério que é a voz do escritor. Confira a entrevista!

Data: Setembro, 2017

Transcrição da entrevista

00:00

Introdução

Mariana Mendes

Olá, espectador e espectadora do Bondelê! Hoje apresento para você Com Armas Sonolentas, o novo romance da Carola Saavedra, o quinto romance publicado pela Companhia das Letras. Como todos os outros, eu posso dizer porque li todos os outros, esse romance da Carola, Com Armas Sonolentas, possui uma engrenagem própria, muito particular. Tempo espaço e personagens, se relacionam, uns com os outros, de uma maneira muito original e muito particular. Você não entra na história de cara sabendo já o que é que você vai encontrar pela frente, pelo contrário. Então, neste romance, temos três personagens femininas muito fortes e muito diferentes entre si. Essas três personagens têm um jogo, ali, que relaciona umas com as outras. E qual é esse jogo? É isso que o leitor se vê muito interessado em descobrir. Essa engrenagem particular eu acho que é uma marca da Carola: tempo, espaço e personagem nunca estão de maneira cronológica, então é um convite, também, para o leitor, é quase como se você estivesse lendo um livro de suspense, porque você quer saber, assim como as próprias personagens querem, saber quem é que elas são. Fora isso, são três mulheres muito fortes, com personalidades muito marcantes, e são, também, mulheres marcadas por um certo abandono e, também, por um exílio que não necessariamente é um exílio geográfico, muitas vezes é um exílio emocional. Então essa configuração dessas três mulheres e o que liga estas três mulheres é o que faz o leitor devorar esse romance. Espero que vocês leiam esse romance quentíssimo da Carola Saavedra, que vocês curtam entrevista a seguir, curtam também o Bondelê e não deixem de se inscrever!

02:06

Mariana Mendes

Tem alguma questão para você, de identidade?

Escritora e tradutora brasileira, Carola Saavedra nasceu em Santiago, no Chile, em 1973. Quando criança, conviveu com quatro línguas: espanhol, português, alemão e inglês.

02:11

Carola Saavedra

Teve. Teve uma questão seríssima. Quer dizer, eu cheguei no Rio, eu tinha três anos de idade, meus pais chilenos, então era uma casa meio “ilha Chile”: se falava espanhol, se comia comida chilena, se ouvia música em espanhol, quer dizer, era uma ilha. É, até hoje, a casa dos meus pais. E aí eu fui estudar na escola alemã. Estudei em uma escola alemã no Rio, no Corcovado. E ainda não tinha aprendido a falar português, tive que aprender a falar alemão, e logo depois a falar inglês. Então eu vivia entre esses vários idiomas e culturas, que, por um lado, foi muito bom, me deu uma flexibilidade e um acesso, quer dizer, eu acho que é um acesso ao saber, que eu não teria se só lesse em português, né? Eu tinha a possibilidade de ler em alemão, a possibilidade de ler em inglês, em espanhol, numa época em que muitos livros não eram traduzidos. Mas isso, hoje, eu conto rindo, mas na época era uma questão, entre outras, né? Te dizer... bom, quem sou eu? Eu me sentia como se eu não pertencesse a lugar nenhum, a coisa nenhuma. E ao mesmo tempo, me sentia pertencendo a tudo, um pouco. Eu acho que o que me salvou disso foi quando comecei a escrever. Quando comecei a escrever seriamente e, depois, a publicar. É como eu sempre falo essa frase, mas é muito verdadeira, no meu caso: eu falo que a língua portuguesa é a minha pátria, é a minha casa. É o meu lugar.

Formada em Jornalismo pela PUC/RJ, concluiu mestrado em Comunicação na Alemanha, onde trabalhou como tradutora de espanhol e alemão.

3:49

Nascimento de uma escritora

Carola Saavedra

Esse livro de contos é um livro que eu renego. É um livro que eu, hoje em dia, não teria publicado. Eu acho que foi um momento, enfim. Bom, detalhe: não foi o primeiro livro que escrevi, eu já tinha escrito um romance e dois livros de contos que eu não publiquei, não mostrei para ninguém. Esse eu resolvi mandar para 7Letras. Mas, hoje em dia, eu penso, eu acho que já tem muita coisa minha nesse livro que vou fazer depois, eu acho que já tem uma voz ali. Mas eu ainda não sabia muito bem o que eu queria. Assim: o que eu quero na literatura? Era aquela coisa: “vou escrever uns contos aqui, porque eu acho que o romance é muito difícil, não vou conseguir” etc. Então, hoje em dia, eu não teria publicado, não publicaria esse livro. Eu acho que, para mim, minha carreira começa no Toda Terça. Ali eu já sabia para onde eu queria ir, por exemplo, ali eu já percebi que eu não quero escrever contos, eu não sou uma contista. Quer dizer, o espaço do romance é o meu espaço. Então aí eu já tinha essa clareza e também já sabia o que eu queria em um romance. Eu já sabia que não queria aquele romance linear, que eu queria trabalhar com narradores, com estruturas narrativas diferentes, eu sabia mais ou menos que, para mim,

vamos falar assim, a máxima do romance era tão importante quanto as histórias que estava contado.

O livro de contos Do lado de fora (7Letras, 2005), sua estreia na literatura, foi seguido pelo romance Toda Terça (2007), aclamado pela crítica.

05:20

O “segundo livro”

Mariana Mendes

E aí como é que foi partir do Toda Terça para um segundo livro?

05:25

Carola Saavedra

Foi automático, na realidade porque o que aconteceu: eu passei dez anos estudando muito. Fui para a Alemanha e eu era alguém que queria ser escritora, desde criança, e ia adiando, ia adiando porque, de certa forma, as minhas expectativas eram imensas, e como elas eram imensas, irrealizáveis, obviamente. Então eu ficava nisso: “não, vou estudar, vou estudar”. O meu tempo na Alemanha foi um tempo de estudo, menos um estudo na faculdade, que eu fazia, mas que também era de menos, e mais um estudo pensando nessa escrita, nesse momento em que eu ia começar a escrever. Eu vinha lendo, sei lá, eu vinha lendo Piglia, muitos ensaios sobre o romance, mas também muitos romances, enfim. Eu vinha de muitos anos de material, eu tinha o material de muitos anos, muito estudo, então, na realidade, os três livros foram quase que uma coisa só.

6:28

Mariana Mendes

Flores Azuis é de 2008, é. Um ano depois. Então você não travou.

Flores Azuis (Companhia das Letras, 2008) e Paisagem com dromedário (Companhia das Letras, 2010) foram ambos finalistas dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti.

6:35

Carola Saavedra

Um ano depois. Não, zero. Era tudo como assim: “agora eu posso, agora eu vou”. Era muita coisa que eu tinha, então eu acho que esse impulso inicial são esses três livros, que escrevi muito um depois do outro.

6:49

Mariana Mendes

Saíram em bloco.

6:50

Carola Saavedra

Isso. E depois do Paisagens, aí sim aí eu parei e pensei: esgotou. A partir dali as minhas questões passam a ser, eu passo a sofrer mais. Eu acho que até então eu não sofria, eu estava feliz ali escrevendo, escrevendo. Quando acabei

o Paisagens, aí eu comecei a sofrer. Não um sofrer do tipo me autoflagelando, mas um sofrer assim, começou a ficar mais difícil. Bom, eu acho que o livro que eu estou terminando agora, que estou entregando agora, é uma mudança imensa. Às vezes eu não me reconheço. Mas acho que, por outro lado, ele tem uma lógica que é a mesma, não deixo de trabalhar com essas questões: quem narra, por que narra, enfim. E esse livro novo, ele parte, digamos, um pouco para o fantástico.

7:49

Carola Saavedra

Cada livro é um processo único. Às vezes eu, por exemplo, já sei desde o início. Flores Azuis é um livro que eu sabia tudo antes de escrevê-lo, sabe? Que eram tantas cartas, me lembro que fiz uma tabela tantas cartas para o Flores Azuis. E aí carta tal, e aí o cara que vai receber as cartas, era uma coisa assim. Quando eu comecei a escrever já tinha até o título do livro, tinha tudo. O livro que eu escrevi agora, eu comecei a escrever, eu não sabia nada. Eu não sabia nada. E tinha só uma ideia: eu quero escrever a história desta mulher aqui. Mas essa história, para onde ela ia, o que ia acontecer, quantas narradoras eu ia ter, não tinha a menor ideia.

8:37

Modelos para armar

Carola Saavedra

Eu, em geral, trabalho com vários narradores. Quase todos, pelo menos, dois narradores. Esse último livro é um narrador só. Mas o narrador, para mim, é importantíssimo, quase tão importante quanto o personagem, a ideia do personagem. Porque o narrador vai estruturar o livro, quer dizer, ele vai dar o ponto de vista daquele livro. Ele vai te deixar em dúvida, ou não, se esse é um narrador confiável, ou não. Eu gosto muito da narrativa em primeira pessoa, porque eu acho que, para mim, ela supre certas necessidades de visão de mundo. Quer dizer, de certa maneira tudo é uma interpretação de alguém. Eu quero que o leitor reconstrua aquela história comigo, quero entregar as peças e quero que ele monte o quebra-cabeça, as versões possíveis. Eu trabalho, muitas vezes, com várias versões, várias possibilidades. Porque a ideia que está por trás disso, que para mim é muito importante, e que é uma ideia importantíssima a partir do século XX, principalmente, é a ideia de que, se há um original, se há uma verdade, essa verdade está para sempre perdida, é inalcançável, é irreproduzível. O que você pode, na arte, ou no que for, é criar versões que se aproximem dela, mas que nunca vão chegar nesse cerne misterioso.

10:22

Personagens

Carola Saavedra

Meus personagens não têm vida própria, eu sou autoritária. O que tem é, a partir de um momento, eles têm uma lógica própria, que foi uma lógica que eu dei, não é que eles saíram voando sozinhos. Mas os personagens, para mim, são importantíssimos, tanto que é como, para mim, é como se fossem, não sei, fantasmas que me acompanham, porque são desdobramentos meus, de

alguma maneira. Eu não criei aquilo do nada, nada se cria nada, e se eu escolhi fazer um personagem e não outros, se escolhi fazer o personagem daquele jeito e não de outro, é porque aquilo diz algo importante sobre o que eu penso do mundo, sobre mim, sobre quem eu sou, sobre as minhas escolhas. Então eu me sinto muito presa, muito grudada, como se os personagens tivessem grudados em mim, e quanto mais eu escrevo, quanto mais livros eu publico, aumenta a população, de alguma maneira.

11:27

Criação literária

Carola Saavedra

Eu gosto muito de dar aula em oficina. Muito do que eu penso, do que eu escrevi agora surge de um olhar para esse - tanto o Inventário quanto esse livro agora, eles surgem de um olhar para o processo de criação literária. Para mim, a oficina é um laboratório. Não acho que porque você dá a aula você está passando o conhecimento e os outros estão recebendo. Não, eu acho que é uma troca. É uma troca. E dali eu entendo, eu passei a compreender porque um personagem funciona e porque não. Os medos que as pessoas têm quando elas escrevem, o medo e a coragem que a escrita exige. Eu tenho um olhar para o processo de criação literária que eu só tenho porque tenho essa experiência de todos esses anos, lendo e vendo escritores surgirem. Eu vi algumas vezes, eu tive, digamos assim, a sorte de ver um escritor surgir, de ver uma escritora surgir, e de ficar maravilhada diante daquilo. Eu acho que, formar um escritor, você não forma. O escritor se forma a si mesmo, ele surge. Ele é um acontecimento. O surgimento de um escritor é um acontecimento. E às vezes nem a própria pessoa sabe o que está acontecendo. Esse momento, também, o surgimento do escritor, é um momento em que a pessoa encontra, digamos assim, o tema dela, que ela queria falar, com a voz. Agora, às vezes isso pode não acontecer nunca. Porque encontrar o tema não é tão difícil, agora encontrar a voz é o grande mistério. É o que eu falo em sala de aula: o que é a voz do escritor? É um grande mistério. Você vai procurando e, em algum momento, aquilo surge. É meio que aquela frase do Picasso, que diz: “eu não procuro, eu acho, eu encontro”. Passa, um pouco, por um momento, um acontecimento. Fora isso, tem um outro mistério da escrita que, para mim, é a coisa que é mais surpreendente, acho que eu falo isso em sala de aula: é que se você é, digamos, um médico, um cirurgião, quanto mais experiência você tem, melhor profissional você se torna. O escritor, não. Você trabalha o tempo todo com a incerteza, o tempo todo com esse mistério, porque a verdade é que você pode escrever dois, três, quatro livros incríveis, e nunca mais escrever, algo acontecer em você, e você nunca mais escrever nada; e ao contrário, quer dizer, você pode ter escrito 4, 5 livros medíocres, e de repente você escreve uma grande obra. Se pensar no Cervantes, para ele, o Dom Quixote não era a grande obra dele, para ele o Dom Quixote era um livro assim mais ou menos, era o *best-seller* dele, porque a grande obra em que ele estava trabalhando era outra, que hoje ninguém dá a mínima. Então há um mistério do que a gente não controla. Acho que, assim, que bom, também, que não tem um caminho já traçado, você está ali e vai acontecendo. Tem por trás, às vezes, uma ideia de que o escritor não precisa de técnica: ele precisa. De que não precisa de leitura: ele precisa de leitura. Não adianta alguém querer falar: “eu

quero ser escritor, mas não gosto de ler”. Não pode. “Ah eu quero ser escritor, mas eu acho que vai vir uma inspiração, a musa, sei lá, vai aparecer e eu vou sair escrevendo. Não vai. A escrita, o romance, o bom romance, ele é o resultado de um longo processo, de muito trabalho, e constante. Quer dizer, o trabalho, continuar, e tentar, e tentar outro, eu acho que é por aí. Para mim, aí surge um escritor, pode surgir. Agora, eu não ensino alguém a virar escritor. Eu posso mostrar um caminho, posso falar: “olha, eu acho que é por aí, eu acho que falta leitura, eu acho que falta autoconhecimento”... Porque, na realidade, na realidade, o romancista, mais do que tudo, ele tem que ter conhecimento do humano. Se ele não tem conhecimento de si mesmo e de como funcionam as pessoas, os medos, as contradições, tudo isso, todo esse espaço, digamos assim, escuro... se não tem noção disso, ele não pode - ele pode até escrever um bom romance, mas vai ser algo pontual.

16:15

Crítica Literária

Mariana Mendes

E qual a sua relação com a crítica? Você procura saber tudo o que já falaram dos seus livros?

16:20

Carola Saavedra

Bom, é claro, por exemplo, se eu lanço o livro, eu quero saber. Porque, para mim, o leitor é importante. Quer dizer, não é importante quando eu estou escrevendo, mas depois que eu lancei é importante, porque isso que vai me fazer pensar sobre o meu livro. Isso vai deixar, para mim, mais claro o que eu estou fazendo, então quanto mais leituras eu tiver, quanto mais aprofundadas elas forem, mais eu ganho. É um diálogo. Nada é, você não está ali sozinho, você precisa do outro, você precisa da crítica, você precisa de bons leitores. Então acho a crítica importantíssima, acho que a gente dá pouca importância para a crítica no Brasil. Eu acho que crítico devia ser uma coisa assim mais importante, tão importante quanto o autor. Devia ter muita gente querendo: “poxa, meu sonho é ser crítico!”, oficina para críticos. É verdade, porque a literatura de um país não é feita só do que os autores escrevem, ela é feita também do que as pessoas leem, dessas leituras. Quanto melhor forem, quanto mais gente mais bem preparada tiver ali escrevendo sobre os livros que estão saindo, melhor vai ser a possibilidade de surgirem autores escrevendo melhor. Quer dizer, uma coisa alimenta a outra. Eu acho que a crítica é essencial e deveria ser mais valorizada. Mas uma crítica séria. Essas coisas, por exemplo, eu escrevi Inventário, e as chamadas eram assim: “Carola Saavedra escreve mais uma história de amor”, “história de amor”... Eu falei: “gente, não tem história de amor em Inventário!”. Então qualquer coisa que eu escreva é uma história de amor. Se eu escrever sobre a guerra não sei onde, vai ser “Carola Saavedra acaba de lançar uma história de amor na guerra não sei onde”. Porque eu acho que tem esses certos estereótipos. Seu livro não é lido sozinho, quer dizer, junto com o livro é lido se você é homem ou se você mulher, se você é jovem ou se você é velho, se você é bonita ou se você é mais ou menos bonita, se você preza por uma estética de mídia, se você... enfim, tudo isso entra na leitura, você não tem como fugir disso. E também

entra na leitura o que você já publicou. Então tudo isso vai, você meio que entra ali numa caixinha, e você vai ser lida a partir disso, muitas vezes. É claro que tem exceções, tem exceções. Mas, em geral, passa por isso.

19:08

Referências

Mariana Mendes

Referências marcantes, você tem? Escritores com quem você aprendeu?

19:15

Carola Saavedra

Entender certas coisas, possibilidades da literatura, com certeza, em várias fases da minha vida, né. Eu acho que primeiro veio a Clarice, lá no início, ainda na adolescência, de um mundo ali que surgia, que eu não conhecia. Depois me marcou muito o Cortázar, engraçado né, por exemplo, o Jogo da Amarelinha, que é um livro que eu nem gosto, hoje em dia. Mas eu amei, porque, de certa forma, me mostrou que você pode escrever um romance de uma forma diferente, que não era aquela que eu conhecia, aquela forma mais tradicional. Depois o Piglia, os ensaios do Piglia; depois o Sérgio Sant'anna, para mim, foi assim uma pessoa importantíssima; depois veio a Hilda Hilst - eu estou falando em cronologias, né; passei uma fase também Thomas Bernhard, direto, enfim; **Sebald** também foi um autor, também tive uma fase; tive a fase Machado, engraçado que veio bem depois, deve fazer uns cinco anos só, a fase Machado de Assis, acho que porque eu já tinha a maturidade para entender certas coisas do Machado de Assis que tinham passado antes, então eu virei de novo superleitora de Machado de Assis.

20:44

Mariana Mendes

E você acompanha os contemporâneos?

20:46

Carola Saavedra

Acompanho, acompanho. E indico para os meus alunos. Eu falo: “gente, leiam os autores brasileiros, leiam os contemporâneos”. Você não pode querer escrever sem saber o que os seus pares estão escrevendo agora, então leiam, eu indico muito autor contemporâneo brasileiro. Aliás, eu costumo indicar literatura brasileira, sempre, porque eu acho que a literatura estrangeira funciona sozinha, e a brasileira que precisa. E, além do mais, quando você está aprendendo a escrever, você precisa ler em português. O Bolaños, eu tive um momento Bolaños, influência do momento Bolaños. Eu morava na Espanha, li Os Detetives Selvagens, fiquei louca com aquilo. Teve vários momentos, autores. Mas, se você pensar bem, olhando assim, por exemplo, é isso, foram muito mais autores homens do que mulheres. Dois anos atrás, pensando nessas questões femininas que, para mim, eu acho que são essenciais e importantíssimas, eu parei para pensar: olhando para a minha estante, qual é a quantidade de autoras que eu tenho na minha estante? Que são assim os livros que realmente... Eu começava a olhar e falei assim: “meu deus, eu estou aqui falando que temos que ler mulheres, mas eu olho para a minha estante e

está cheia de homem. E depois eu comecei a me perguntar: quem são as mulheres que, para mim, são modelos? Quem são essas escritoras? E foram poucas. Aí que eu comecei a procurar, falei: bom, eu quero, de agora em diante, ler só mulheres - não só mulheres, mas ler, principalmente, mulheres, porque eu não tinha lido o que eu deveria ter lido. Eu quero ler e escrever sobre mulheres, escrever sobre a Elvira, sobre a Adriana Lisboa, enfim. Eu tinha essa necessidade, então vou escrever um ensaio, um texto, não qualquer coisa, mas um texto que olhe o livro como.. assim: eu li, nesses ensaios dessas autoras, como eu gostaria de ser lida. Até porque, por exemplo, o homem, quando ele escreve, “ah, ele escreveu sobre uma geração!” Você, quando escreve, você escreveu uma história de amor. Falei: “não, eu não escrevi uma história de amor, eu escrevi mil outras coisas e, talvez, também, uma história de amor, falando do Inventário. É isso que me incomoda, porque a mulher ela é resumida, a escritora, ela só sabe falar de história de amor. E o homem, se ele escreveu essa mesma história, um homem está falando de toda uma geração, está falando de toda uma comunidade, está falando do mundo, ele é universal. A mulher, quando ela fala, fala de questões femininas. Aliás, uma coisa que me deixou muito impressionada, foi que eu queria, inicialmente, fazer o pós-doc sobre escritoras que tenham escrito romances, escritoras famosas, do cânone, brasileiras, que tivessem escrito sobre a relação mãe e filha: eu não encontrei nada. Então o que me parece importante é não ter medo dessas questões que são tratadas como questões menores, porque elas são as nossas questões. O meu questionamento hoje, e que foi o meu questionamento com esse livro de agora, o novo, é que eu quero falar de questões da mulher. Eu quero falar de questões femininas. Dessas questões que não estão na literatura. De repente você começa a perceber que o aborto não está na literatura; a menstruação não está na literatura; a menopausa, o corpo da mulher. O corpo da mulher só existe como um corpo objeto, como o corpo desejado. É claro que agora isso está mudando, mas quando você pensa no cânone escrito por mulheres, ainda é raro, porque a mulher sempre tinha que ter medo, porque aquilo ia virar: “ah, ela está falando de coisinhas de mulher”. Então a sensação que eu tenho, é como se tudo aquilo estivesse silenciado. A mulher é um objeto. A mulher existe como musa. Mas eu acho que é o momento de pensar na mulher como a artista, como aquela que faz, como aquela que produz, como aquela que olha, e não só como aquela que é olhada. Mas, enfim, eu acho que isso é importante na literatura para pensar a literatura, para dar voz, porque a literatura está aí, também, para dar voz a quem não tem voz, em todos os sentidos, de todas as formas. Quer dizer, passa por uma série de grupos e subgrupos que não têm voz na sociedade, então a literatura isso, eu quero ler quem está falando de assuntos que eu nunca vi, nunca ouvi, me interessa, e também me interessa esse caminho.